

**Lucianna Furtado**

Universidade Federal de

Minas Gerais – UFMG

E-mail:

[lucianna.furtado@gmail.com](mailto:lucianna.furtado@gmail.com)



Este trabalho está licenciado sob  
uma licença [Creative Commons  
Attribution 4.0 International  
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou  
reprodução

ISSN: 2175-8689

## Revisitando a noção de solidão negra a partir de canções da música negra brasileira

*Revisiting the notion of Black solitude  
based on Brazilian Black music*

*Revisando la noción de soledad negra a  
partir de canciones de música negra  
brasileña*

Furtado, L. Revisitando a noção de solidão negra a  
partir de canções da música negra brasileira. *Revista  
Eco-Pós*, 28(1), 427-447.  
<https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28172>

**Dossiê** Alfabetização Midiática e News Literacy

<https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 28, n. 1, 2025

DOI: 10.29146/eco-ps.v28i1.28172

## RESUMO

Este artigo discute e atualiza a noção da solidão negra a partir de conflitos racializados e genderizados com parceiros afetivo-sexuais representados em canções da música popular e pop negra brasileira. Para isto, discuto pesquisas anteriores sobre o conceito, contribuições dos sambas de mulheres negras para pensar o fenômeno da solidão feminina negra e as relações com vivências de homens gays negros. Em seguida, analiso as implicações deste conceito para as bichas pretas a partir da canção Última Vez, de Rico Dalasam, em diálogo com a discussão teórica e com a noção de duplo vínculo no contexto das relações raciais brasileiras. Por fim, evidencio a solidão negra como uma dinâmica contraditória de atração e repulsa, que também reproduz assimetrias de gênero racializadas entre casais inter-raciais homoafetivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** *raça; gênero; solidão; relações afetivo-sexuais; música negra.*

## ABSTRACT

This paper discusses and updates the concept of Black loneliness grounded on racialized and gendered conflicts with love and sexual partners represented in Black Brazilian popular and pop music. In order to do so, I discuss previous research on the concept, contributions from Black women's samba songs to reflect upon the Black female loneliness phenomenon, and the relations with Black gay men's experiences. Then I analyze the implications of this concept for Black gay men through Rico Dalasam's song Última Vez (Last Time), in dialogue with the theoretical discussion and the notion of double bind in the context of racial relations in Brazil. Ultimately, I emphasize Black loneliness as a contradictory dynamic of both attraction and repulsion which reproduces racialized gender asymmetries between homosexual interracial couples.

**KEYWORDS:** *race; gender; loneliness; love and sexual relationships; Black music.*

## RESUMEN

Este artículo analiza y actualiza la noción de soledad negra basada en conflictos racializados y de género con parejas afectivas-sexuales representadas en canciones populares y de música pop brasileñas negras. Para ello, analizo investigaciones previas sobre el concepto, las contribuciones de las sambas de mujeres negras al pensamiento sobre el fenómeno de la soledad femenina negra y las relaciones con las experiencias de los hombres homosexuales negros. A continuación, analizo las implicaciones de este concepto para los homosexuales negros a partir de la canción Última Vez, de Rico Dalasam, en diálogo con la discusión teórica y la noción de doble vínculo en el contexto de las relaciones raciales brasileñas. Finalmente, destaco la soledad negra como una dinámica contradictoria de atracción y repulsión, que también reproduce asimetrías de género racializadas entre parejas interraciales del mismo sexo.

**PALABRAS CLAVE:** *raza; género; soledad; relaciones afectivo-sexuales; música negra.*

Submetido em 09 de novembro de 2023.

Aceito em 04 de setembro de 2024.

## Introdução

Em minha trajetória de pesquisa, tenho me dedicado a pensar a música popular brasileira como um acervo de vidas cotidianas e de correntes de pensamento coletivamente construídas, por meio de canções que expressam determinadas experiências, valores e reflexões sobre a sociedade em que vivemos. Tomo, particularmente, a música “negra” brasileira como um arquivo da “intelectualidade negra nacional” — registrando, desenvolvendo e reverberando questões políticas centrais para os sujeitos, comunidades e movimentos negros brasileiros. Defendo que as canções de mulheres negras oferecem uma perspectiva privilegiada sobre os modos como a opressão entrecruzada de raça e gênero configura suas experiências e as relações sociais de modo mais amplo. Nesse contexto, dedico especial atenção aos impactos do racismo e sexismo no campo afetivo-sexual, entremeando aos relacionamentos práticas de violência, desrespeito e desumanização fundamentadas nestas relações de poder.

Este artigo discute e atualiza a noção da solidão negra a partir de conflitos racializados e genderizados com parceiros afetivo-sexuais em canções da música popular e pop negra brasileira. Para isto, parto dos resultados de uma pesquisa anterior sobre as canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão sobre o amor e as relações afetivo-sexuais (Furtado, 2023a), com foco nas questões sobre a solidão feminina negra. Em seguida, tensiono e atualizo as implicações deste conceito para o contexto de homens negros em relacionamentos com homens brancos a partir da canção Última Vez, de Rico Dalasam, em diálogo com a discussão teórica sobre o tema (Souza, 2008; Pacheco, 2013; Pereira, 2020; Rodrigues, 2021) e com a noção de duplo vínculo no contexto das relações raciais brasileiras (Sodré, 2018, 2023).

### 1. Contribuições teóricas para pensar a solidão da mulher negra

Nesta seção, discuto as principais contribuições teóricas de pesquisas brasileiras recentes para compreender o fenômeno da solidão da mulher negra. Em sua pesquisa sobre as vivências de mulheres negras no campo afetivo-sexual, Pereira (2020) destaca a noção da “solidão da mulher negra” entre os impactos do racismo na afetividade negra em debates sobre

o tema nas redes sociais. Como aponta a autora, a expressão é comum em círculos intelectuais e da militância negra para designar questões como o abandono, desprezo e sofrimento que marcam as experiências de vida dessas mulheres.

Claudete Souza (2008) trata a solidão das mulheres negras como uma experiência individual, comunitária e coletiva, inserindo-a no contexto da diáspora negra e em dinâmicas de desvalorização racista e sexista. Segundo a autora, a subjetividade das mulheres negras é fortemente impactada por esse cenário de rejeição, bem como pelas práticas de objetificação no campo sexual e do trabalho que desencadeiam expectativas de servidão nas relações. Souza (2008) enfatiza, nesse sentido, a importância das ações do Movimento de Mulheres Negras na construção de referências e valores afirmativos, opondo-se à desumanização e destituição da autonomia dessas sujeitas.

Situando o imaginário hipersexualizado e objetificador sobre as mulheres negras como uma herança colonial escravista, Pacheco (2013) discute como estas representações sociais ordenam as vidas e afetividades dos sujeitos, destacando como os eixos de poder de raça e gênero constituem papéis de servidão sexual e doméstica para as mulheres negras. A autora identifica que essa percepção constitui não apenas o imaginário social, mas também, em certa medida, o imaginário acadêmico brasileiro — reiterando, assim, a valorização do pensamento feminista negro e das contribuições de intelectuais negras para pensar os relacionamentos, a ausência destes e a dificuldade em mantê-los. Nesse contexto, Pacheco (2013) discute também os possíveis impactos da ideologia do branqueamento da população brasileira sobre a prática cultural das preferências matrimonial-afetivas, racializando as escolhas de parceiras(os).

Pacheco (2013) afirma que a experiência da solidão ganha contornos e significados distintos nos relatos das mulheres negras entrevistadas em sua pesquisa — avaliações, muitas vezes, ancoradas em trajetórias afetivo-sexuais marcadas por conflitos, negligências e modos de desvalorização ligados a suas posições no entrecruzamento de raça, gênero, classe e origem social. A autora cita exemplos como: práticas racistas, sexistas e elitistas dos(as) parceiros(as); situações de desrespeito, assédio, objetificação e violência sexual no ambiente profissional, escolar, de lazer e/ou nas próprias relações afetivas; rejeição por parte de homens negros, mesmo os militantes, em favor de parceiras brancas; ausência de relação com a família do(a)

parceiro(a) ou rejeição direta da família por motivos racistas; e limitação a relações sexuais casuais, sem constituir laços afetivos de cuidado, relacionamentos em público ou casamentos. Pacheco (2013) identifica, ainda, que o crescente capital político, cultural e/ou financeiro adquirido pelas entrevistadas tende a aparecer não como um atrativo, mas como um fator desfavorável para a constituição de relações estáveis.

Nesse sentido, a instabilidade afetiva de mulheres negras se constitui não apenas por meio da rejeição por parte de potenciais parceiros(as), mas também enraizada em experiências afetivo-sexuais negativas e traumáticas: Pacheco (2013) aponta, em diversos casos, a “decepção amorosa” como um dos fatores que fundamentam a não constituição de relacionamentos estáveis. Em um dos casos, a autora identifica a solidão como uma decisão, um processo de agência diante das frustrações com relacionamentos anteriores: “A instabilidade afetiva emerge como uma ‘escolha’ possível diante da reprodução e manutenção de um padrão de afetividade-conjugal (tradicional) que, em sua concepção, é opressor” (Pacheco, 2013, p. 250), em que a entrevistada mobiliza sua própria trajetória e exemplos familiares para refletir sobre as assimetrias de gênero nas relações conjugais heteroafetivas. Desse modo, destaca que sua abordagem da solidão das mulheres negras não se caracteriza pela inexistência de experiências afetivo-sexuais ao longo de suas vidas, mas pela *instabilidade e transitoriedade* destas relações, instituindo um padrão de dificuldade em formar relacionamentos estáveis e duradouros.

Em sua pesquisa sobre as vivências afetivo-sexuais de mulheres negras, Pereira (2020) examina os impactos entrecruzados de gênero e raça sobre a constituição de vínculos e afastamentos, articulados pela interação entre estética, sexualidade e moralidade sexual. A autora argumenta, ainda, que a vida em sociedade implica que as experiências do casal serão mediadas pelas interações com outras pessoas, valores e instituições, não se limitando apenas às perspectivas dos próprios sujeitos do relacionamento.

No contexto dos relacionamentos das mulheres negras, sejam estes passageiros ou duráveis, oficiais ou informais, Pereira (2020) identifica uma diversidade de questões negativas, diferenciando-as entre relações com pessoas brancas e negras. Entre o primeiro grupo, a autora cita fatores como: noções fetichistas de uma suposta sexualidade exacerbada ou aura mística das mulheres negras, em oposição à racionalidade branca; formas de atração construídas como uma

transgressão moral ou como um gesto de bondade e redenção do racismo por parte de homens brancos; relações restritas ao sexo, sem conhecimento da família ou amigos do(a) parceiro(a), inviáveis para compromisso formal ou casamento; expectativa de apoio emocional e cuidados para parceiros(as) mais velhos, em situações difíceis ou com problemas de saúde física e mental; desejo de que a mulher assuma as responsabilidades financeiras do casal, como compensação por sua negritude; e ofensas racistas, feitas às mulheres negras ou direcionadas a outras pessoas negras em sua presença. A autora destaca, nesse sentido, que as dinâmicas do desejo e do afeto estão entrelaçadas às hierarquias sociais de gênero e raça, enfatizando que estas definem atratividade, expectativas de comportamento e posição relativa de cada parte do casal.

No campo das diferenças de gênero em relacionamentos com homens negros, Pereira (2020) destaca o desejo masculino de se relacionar com várias parceiras, não respeitando a expectativa ou acordo de monogamia; desejo de que a mulher assuma as responsabilidades financeiras do casal; e, de modo geral, uma expectativa de que a mulher tenha mais tolerância a comportamentos tidos como indesejáveis segundo os tradicionais papéis de gênero nos relacionamentos. Questões de classe, como dependência financeira da família, diferentes estilos de vida, divergências em relação a hábitos de consumo e a ambições profissionais também foram motivos de tensão e conflito. Desse modo, a autora avalia que a idealização do amor afrocentrado como panaceia para as dores do racismo não se concretiza na realidade desses casais, atravessados por conflitos e desacordos de ordens diversas — reiterando, no entanto, que os relacionamentos felizes entre pessoas negras são possíveis e reais, constituindo um gesto de oposição à desumanização racista.

Em diálogo com estas autoras, Lessa (2020) destaca que a solidão das mulheres negras no campo afetivo-sexual é consequência de uma solidão nas dimensões política, econômica e social, ancorada na negação de sua humanidade. A autora discute a experiência dessa solidão como um fenômeno que permeia toda a trajetória das mulheres negras, desde a infância até a idade avançada, caracterizando não apenas a esfera afetivo-sexual, mas também as relações familiares e de trabalho. Segundo Lessa (2020), como os impactos do racismo e sexismo nas interações sociais impedem a formação de vínculos afetivos entre as mulheres negras e as pessoas com quem convivem, esta solidão persiste mesmo quando cercadas por outros sujeitos,

em relações marcadas pelo distanciamento afetivo e pela sensação de não pertencimento. A autora destaca que as mulheres negras relatam a experiência da solidão mesmo quando têm companheiros ou amigos, sinalizando para uma solidão caracterizada pela “[...] forma como somos tratadas, a forma como essas relações se dão” (Lessa, 2020, p. 193).

As pesquisas discutidas (Souza, 2008; Pacheco, 2013; Pereira, 2020; Lessa, 2020), demonstram, portanto, que a noção da solidão passa por dinâmicas de rejeição, preterimento, abandono e isolamento, mas não se limita a estas questões, abrangendo escolhas possíveis das mulheres negras para resguardar sua humanidade diante de um mercado afetivo fortemente marcado pelo racismo e sexismo, em que as possibilidades nem sempre lhes são favoráveis e, especialmente, tendem a não corresponder com os modelos de relacionamentos que elas desejam para si. Na medida em que as assimetrias nos relacionamentos parecem ser intransponíveis, a solidão afetiva pode ser lida como um gesto de não conformismo e de insubordinação das mulheres negras (Pereira, 2020).

A partir dessa contextualização de experiências comuns e compartilhadas por mulheres negras no campo afetivo-sexual, destaco que os valores racistas, sexistas e elitistas que configuram nossa sociedade podem emergir em diferentes graus no espectro dos relacionamentos — desde sua ausência na rejeição e solidão, passando pelo preterimento, instabilidade afetiva e decepções amorosas, até a formação de relações entremeadas por uma diversidade de violências cotidianas. Desse modo, argumento que o conceito de solidão da mulher negra não caracteriza apenas o *estar-só*, mas configura também as próprias maneiras de *estar-junto*, em que a solidão se concretiza dentro dos relacionamentos por meio de práticas racistas, sexistas e elitistas que interditam a constituição de vínculos afetivos sólidos e duradouros.

## 2. Contribuições da intelectualidade musical de compositoras negras para pensar a solidão

Em pesquisa anterior com as obras poético-musicais de Dona Ivone Lara e de Leci Brandão sobre o amor e as relações afetivo-sexuais<sup>1</sup> (Furtado, 2023a), evidenciei as relações

---

<sup>1</sup> Na pesquisa, analisei um corpus de 97 (noventa e sete) canções, sendo 55 (cinquenta e cinco) de Dona Ivone Lara (canções gravadas entre 1978 e 2011) e 42 de Leci Brandão (gravadas entre 1975 e 2017).

entre as canções e as experiências de mulheres negras em seus relacionamentos. Nas canções, emergem respostas, posicionamentos e rotas de fuga diante da desumanização racista e sexista mapeada pelos estudos sobre as experiências femininas negras no campo afetivo-sexual (Souza, 2008; Pacheco, 2013; Pereira, 2020). Por meio dessa aproximação, lancei luz sobre os entrelugares que conectam essas duas dimensões — ouvindo indícios que, ainda que não declarem em voz alta sua filiação ao pensamento feminista negro, ressoam em consonância com esta vertente intelectual.

Este fenômeno se aproxima do identificado por Ângela Davis (1998) em sua pesquisa sobre as mulheres do *blues* estadunidense, que discute as tradições silenciadas da consciência feminista criadas nas comunidades negras de classe trabalhadora. Segundo a autora, não se trata de atribuir a essas obras o estatuto de feministas nos moldes contemporâneos, mas de identificar as pistas ou insinuações de posturas feministas que emergem por meio da atuação dessas mulheres em diferentes frentes de intelectualidade. Examinando as aproximações diaspóricas possíveis entre o *blues* e o samba como mediadores da vida social no contexto pós-abolição de seus respectivos contextos nacionais, identifiquei que as canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão também replicam outro padrão identificado por Davis (1998) junto às mulheres do *blues*: o papel de aconselhamento afetivo de comunidades imaginadas de mulheres negras, por meio do fortalecimento de repertórios afirmativos para as relações conjugais (Furtado, 2023b).

Na pesquisa, identifiquei que as canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão também abordam aspectos negativos de suas experiências no campo afetivo-sexual, delineando questões como: a distância física e emocional em relação à(o) parceira(o), dificuldades e dissonâncias nos relacionamentos, critérios para definir o valor de uma relação, bem como a tristeza, apatia e dor causadas pelo término ou pelo amor não correspondido (Furtado, 2023a). Nas canções de Dona Ivone Lara, particularmente, emergem a melancolia, decepção amorosa, desilusão e banzo motivados pelo sofrimento no amor, compondo um cenário em sintonia com o quadro de instabilidade e transitoriedade dos relacionamentos apontado na pesquisa de Pacheco (2013).

Em suas obras, as duas compositoras convergem no estabelecimento de um quadro de referências e critérios para avaliar criticamente os relacionamentos, de modo a determinar sua continuidade ou término. Nesse contexto, o bem-querer e a felicidade atuam lado a lado com a

representação de práticas negativas, cruéis, insensíveis e equivocadas que compõem sua contraparte — estabelecendo, portanto, modelos de relacionamentos desejáveis e indesejáveis, destacando, neste último, as consequências de dor, abandono, humilhação e decepção. As canções apontam, ainda, para o término como a escolha mais sensata diante de um relacionamento nesses moldes, projetando horizontes de felicidade na busca por um novo amor que ofereça a alegria e bem-querer anunciados pelas eu líricas.

Ao elencar critérios para a avaliação dos relacionamentos e evidenciar que sua continuidade não é automática e obrigatória, as canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão não apenas naturalizaram o término de uma relação infeliz, como afirmam o amor-próprio e a busca pelo amor verdadeiro como razões legítimas para romper com alguém. Desse modo, as canções das duas compositoras oferecem brechas para desafiar a noção romântica do amor eterno, até que a morte os separe, evidenciando cenários em que o fim do relacionamento pode ser a melhor escolha.

Nesse sentido, parte das questões abordadas na intelectualidade musical de Dona Ivone Lara e Leci Brandão se aproximam, assim, da afirmação de Pacheco (2013) sobre a solidão como uma escolha possível diante de um contexto afetivo fortemente marcado pelo racismo e sexismo, bem como da avaliação de Pereira (2020) sobre a solidão como uma postura de não conformismo e insubordinação das mulheres negras frente a relacionamentos que não atendem a suas expectativas e desejos.

### 3. Afeto e solidão para as bichas pretas<sup>2</sup>

Retomando o processo histórico de escravidão no Brasil e o choque cultural entre as concepções de sexo, erotismo e valores morais nas relações coloniais de poder, Daniel dos Santos (2014) discute seus impactos na construção de estereótipos sobre a sexualidade de homens negros, por meio de práticas de desumanização, coisificação e animalização contra esses sujeitos. O autor evidencia que as relações sexuais entre senhores brancos e homens negros escravizados

---

<sup>2</sup> Decidi utilizar o termo “bicha preta” para me referir aos homens gays para demarcar o termo popular entre os próprios sujeitos ao narrar suas experiências nessa interseção, bem como por respeito à forma como as(os) autoras(es) decidiram nomear estes sujeitos nas pesquisas citadas. Como trato de cultura popular, busco transpor para a linguagem acadêmica as formas populares de nomear questões centrais para a discussão.

não eliminavam o racismo e as hierarquias entre os sujeitos, mas, por meio da violência sexual e da dominação escravista, os reiteravam. Santos (2014) destaca que esse processo deságua, na contemporaneidade, em representações midiáticas racistas e em estratégias de ressignificação e resistência por parte dos homens negros.

Analisando os relatos de homens gays negros no YouTube como uma forma de escrita de si a partir de um olhar interseccional, Pereira e Coêlho (2020) discutem a vivência do amor e afeto em tais narrativas. Os autores apontam a solidão afetiva como o destino esperado para as bichas pretas, destacando a importância de narrativas que expressem as possibilidades do amor para esses sujeitos, com outros e com seus semelhantes, e enfatizando as reflexões suscitadas sobre as condições de dar e receber amor para sujeitos nesse lugar social. Na visão de Pereira e Coêlho (2020), os relatos analisados reafirmam o direito das bichas pretas ao afeto, felicidade e amor — direito que lhes é sistematicamente negado pelo racismo e homofobia entrecruzados.

Ao discutir a solidão das bichas pretas, Rezende e Cotta (2021) chamam a atenção para a interseção entre o racismo e a LGBTIfobia em suas experiências, subjetividades e práticas de resistência. Segundo os autores, as expectativas racistas e sexistas de uma masculinidade negra máscula, de sexualidade exacerbada e selvagem, confinam as bichas pretas em um não-lugar, marcado pela rejeição, desumanização e sofrimento psíquico. No campo dos relacionamentos entre estes e homens brancos, Rezende e Cotta (2021) destacam questões como a assimetria entre o casal e a restrição da intimidade à dimensão sexual, sem afeto ou proximidade emocional. Nesse sentido, os autores destacam a discussão comunitária de tais experiências compartilhadas por homens negros, especialmente os afeminados, como um ponto de partida para a construção do amor-próprio e da autovalorização nas esferas individual e coletiva.

Refletindo sobre as relações entre o racismo e masculinidades subalternizadas, Rodrigues (2021) aponta a raça como a categoria mais saliente nos modos como homens negros gays atribuem sentido a suas vivências — emergindo como o significante central tanto na interpretação de situações de violência, como na construção de modelos alternativos e dissidentes de masculinidades. Nos relatos que fundamentam sua pesquisa, o autor identifica uma experiência extrema de solidão que afirma afetar a todos os homens gays, destacando,

porém, que fatores como classe, idade e raça podem intensificar ou neutralizar os efeitos desta solidão.

Nesse contexto, Rodrigues (2021) destaca o lugar ambíguo e subalternizado que homens negros ocupam no imaginário dos homens cis-gays, apontando o *cafuçu* como o tipo ideal de homem para gays brancos, de classes elevadas e de maior nível educacional: “O *cafuçu* [...] é o arquétipo do homem negro que performa uma vertente rígida de masculinidade, em que não há espaço para negociação entre os limites da objetificação e do desejo” (Rodrigues, 2021, n.p.), pontuando a presença deste fetiche em canções da música popular brasileira<sup>3</sup>. Segundo o autor, esse fenômeno se dá por uma contradição, em que o *cafuçu* é evitado como namorado e parceiro, mas a expectativa branca é que ele sempre esteja disponível para o sexo, especialmente, no sigilo. Nesse ponto, Rodrigues (2021) relaciona esta experiência às noções de preterimento afetivo e solidão da mulher negra, que afirma também acontecer com homens gays negros, produzindo uma dinâmica contraditória entre desejo e abjeção.

#### 4. Procedimentos metodológicos

Neste artigo, meu objetivo é revisitar a solidão negra no campo afetivo-sexual por meio da aproximação entre as experiências de mulheres negras (a partir da sistematização da literatura sobre o conceito e dos sambas de mulheres negras discutidos acima) e as experiências de homens negros que se relacionam com outros homens (a partir da canção *Última Vez*, de Rico Dalasam, em diálogo com a literatura sobre o tema). Para isso, direciono meu foco para as letras da canção e para a contextualização apresentada na faixa que a antecede no álbum.

De maneira inspirada pela metodologia de Corrêa (2011), com adaptações para a especificidade deste material empírico, decidi decompor os versos da canção e os exemplos de práticas de solidão negra reunidas na discussão teórica. Em seguida, dispus os trechos dos versos e os tópicos das práticas em um mural digital, possibilitando uma “visão integral da empiria” (Corrêa, 2011, p. 121) aliada a novas escutas da canção. Realizei, então, uma “comparação transversal [entre as] peças [...] integrantes do *corpus*” (Ibid., p. 129), comparando os versos da

---

<sup>3</sup> No texto, Rodrigues (2021) cita, especificamente, a canção “I Love *cafuçu*”, da Banda Uó.

canção com as experiências de mulheres negras e bichas pretas elencadas nas pesquisas anteriores.

Esses procedimentos me permitiram delinear as experiências relatadas nos versos da canção e identificar as situações interacionais de violência de raça e gênero representadas. Para evidenciar esta aproximação, organizei estes dados em um quadro, posicionando as experiências das bichas pretas expressas na canção lado a lado com suas equivalentes vivenciadas por mulheres negras no quadro contextual nomeado como “solidão”. A partir dessa aproximação, discuti as conexões entre a opressão entrecruzada de raça e gênero que vitima mulheres negras e homens gays negros no campo afetivo-sexual.

## 5. *Última vez*

A proposta deste artigo parte de relações de identificação e solidariedade na escuta de experiências de homens gays negros sobre a solidão afetiva e a violência racial e de gênero em seus relacionamentos com homens brancos, reconhecendo pontos de aproximação possíveis com nossas experiências (de mulheres negras) no campo afetivo-sexual. Partindo da solidão da mulher negra como uma violência racializada e genderizada, busquei compreender como esse fenômeno impacta outras dissidências de gênero, exemplificada neste artigo pelas experiências das bichas pretas, cristalizadas na canção *Última Vez*, de Rico Dalasam. Essa aproximação lança luz sobre os modos como as dinâmicas racistas e sexistas de contextos heteroafetivos encontram ecos, espelhos e particularidades em relações homoafetivas, produzindo dinâmicas próprias da opressão entrecruzada de raça e gênero.

Na escuta do álbum “Dolores Dala Guardiã do Alívio” (2021), do qual a canção escolhida faz parte, o conflito entre o eu lírico e o parceiro branco é apresentado na faixa que antecede a canção *Última Vez*, intitulada *Não é Comigo*, em que Rico Dalasam recita:

Não dá, né, pai, não é comigo que você tem que ficar [...]. Você não swinga no social da coisa / Se tiver uma festa de fim de ano da sua empresa, do seu trabalho / Que cada um levar sua companheira, seu companheiro / Você vai segurar o reggae de me levar? Não vai! / Vai querer em algum momento da sua vida, da sua vivência social / Você vai tentar dar uma suavizada na minha presença / E eu não tô aqui pra isso / Olha aí a beleza do que eu tô construindo [...] Pra eu viver esse tipo de coisa, pra eu ser escondido? / E não adianta, não adianta falar que ama,

você vai peitar isso? / Você vai peitar 500 anos numa parada, por causa de um amor? / Dum suposto amor, você nem tem certeza, não vai, pai / Então não é comigo que você tem que ficar / Você tem que correr, correr com os caras aí que é de seu, seu universo [...]. (Dolores Dala..., 2021).

Este prelúdio antecipa questões semelhantes às experiências comuns do quadro contextual da solidão das mulheres negras, como a sensação de não-pertencimento ao espaço do companheiro, a tendência deste a esconder a parceira de seu círculo social e a restrição do relacionamento ao sexo casual, sem constituir um relacionamento em público. Estas mesmas questões se repetem na canção *Última Vez*, emergindo de diversas maneiras no relato cancional, ao lado de outros conflitos presentes na relação com o parceiro branco, conforme demonstrado a seguir (Quadro 1).

**Quadro 1** – Comparação entre os versos da canção e as experiências comuns no contexto da solidão das mulheres negras

Versos da Canção	Experiências do Quadro Contextual de Solidão
Marca um rolê e me chama / Me leva pro teu universo / Toda vez é na minha cama / Dá um jeito de ser o inverso	Não-pertencimento e distanciamento do círculo social do parceiro
Pega em meu moletom e vai tirano / Cara tirano bota, tirando e vapo	Objetificação sexual nos relacionamentos, pressuposto de disponibilidade sexual
Me conta tudo, mas me esconde / Você argumenta, eu trago os fatos / Só chama pra ser seu PF / Diz que eu sou BFF	Expectativa de apoio emocional em situações difíceis; restrição ao sexo casual, sem constituir relacionamento em público
Me passa feito um Tiktok / Fudendo com meu Tico e Teco / Você fala, eu te ignoro / Você me toca, eu tenho um treco	Preterimento, desvalorização, resolução apenas no âmbito sexual
É indeciso e intenso tudo o que quer de mim / Pô, nem quem tem um amor na cadeia é assim / Se sou eu que chamo, não quer meter / Se quer meter, não quer manter / Se eu tô com outro, você estraga / Sabendo que eu gosto de você	Contradição entre rejeição e desejo, desvalorização emocional com manutenção da disponibilidade sexual
O som do coração não é vapo-vapo / Deixo o como falar mais que o quanto / Deixa ser na rua o que a gente é no quarto	Restrição ao sexo casual, sem constituição de laço afetivo e de relacionamento público; insatisfação com o modelo de relacionamento oferecido pelo parceiro branco
Quando a vida aperta, a mente chama quem? / Quando a noite acaba sem, tu chama quem? Ai, ai, ai, ai / Acorda, me conta, pô, você tem medo de quê?	Expectativa de apoio emocional em situações difíceis; pressuposto de disponibilidade sexual; insatisfação com o modelo de relacionamento oferecido pelo parceiro branco
Quer meter, não quer manter / Dessa vez é <i>last time</i> / Quer meter, mas não quer manter / Dessa vez é <i>last time</i>	Insatisfação com a relação restrita a sexo casual, sem reciprocidade do envolvimento afetivo; término como

	escolha possível diante de um relacionamento assimétrico
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Como ouvimos na canção e podemos visualizar no quadro acima, a composição oferece indícios do fenômeno da solidão negra nos conflitos do relacionamento, descrito como erótico, prazeroso e afetuoso, mas de maneira limitada à casualidade, distante do círculo social do parceiro branco e restrita a seus termos em detrimento dos desejos do eu lírico. Cabe destacar que, a princípio, não há (ou não deveria haver) impedimento ético a relações sexuais casuais, desde que consentidas e assim preferidas pelas pessoas que compõem o casal. No entanto, o eu lírico manifesta abertamente o desejo de romper com esta casualidade: “Marca um rolê e me chama / Me leva pro teu universo [...] O som do coração não é vapo-vapo / Deixo o como falar mais que o quanto / Deixa ser na rua o que a gente é no quarto”.

Outro ponto importante é que o prazer sexual aparece associado a pistas que sugerem conexão emocional, confiança e acolhimento: o que ouvimos aqui não é a ausência de cuidado, afeto e carinho, mas, sim, sua unilateralidade e sua restrição ao espaço privado, isto é, sua presença em termos assimétricos que beneficiam apenas o parceiro branco. Desse modo, o quadro de servidão (sexual e doméstica) apontada por Pacheco (2013) e de expectativa de apoio emocional não recíproco apontada por Pereira (2020) emerge, aqui, na modalidade sexual e emocional, ofertada unilateralmente pelo sujeito negro para confortar o parceiro branco, mesmo sem a constituição de um relacionamento afetivo público.

Amparada por essas autoras, argumento que esta é uma questão entrecruzada de raça e gênero porque a expectativa de servidão e de disponibilidade sexual e emocional reproduz dinâmicas escravistas de servidão designadas em favor de homens brancos — sujeitos que se ancoram nas estruturas sociais de raça e gênero em seus relacionamentos com pessoas negras, sejam estes hetero ou homoafetivos. Mesmo em relacionamentos entre homens, a hierarquia de gênero continua presente, na medida em que a racialização dos homens em questão define posições distintas para cada um não somente nos termos da raça, mas das diferentes masculinidades que cada um performa e, principalmente, da extensão exercida por cada um em

relação ao poder patriarcal. De maneira fundamentada pelo pensamento interseccional (Collins, 2019), defendo que a racialidade não é definidora apenas de hierarquias raciais, mas configura as próprias hierarquias de gênero, instituindo posições de poder e práticas de violência intragênero.

Na canção, ouvimos o desejo do eu lírico em estabelecer outro modelo de relacionamento, que não se limite à disponibilidade sexual, para retribuir o afeto e o apoio emocional oferecidos e assumir em público a relação que já existe no âmbito privado. Tal pedido não é atendido pelo parceiro branco, que, no entanto, atua para manter o relacionamento e mesmo para impedir que o eu lírico constitua outros: “Eu digo não inflama / No meu portão, diz que quer subir [...] Se eu tô com outro, você estraga / Sabendo que eu gosto de você” — mantendo-o preso a esta relação que não satisfaz o eu lírico, não concede aquilo que ele deseja.

Neste ponto, a canção se aproxima da reflexão de Rodrigues (2021), que aponta a expectativa dos homens brancos sobre a disponibilidade sexual de homens negros em relações casuais, “no sigilo”, evitando-os na posição de namorados ou parceiros. O autor descreve o fenômeno como uma *maleabilidade sexual brasileira*, caracterizada por uma disjunção na qual pessoas negras são instituídas como objetos idealizados de prazer sexual, ao mesmo tempo em que são rechaçadas do convívio afetivo em público. Rodrigues (2021) evidencia que essa contradição contribui para o mito de que não há racismo no Brasil, enquanto institui e naturaliza práticas afetivo-sexuais racistas.

Nessa dinâmica contraditória expressa em “Última Vez”, a tentativa de separação e superação rumo a novos parceiros é inviabilizada pelo parceiro branco, de modo a impedir o fim do relacionamento e manter a disponibilidade sexual do eu lírico negro — sem, no entanto, negociar os termos da relação no campo afetivo e no espaço público. Assim, emerge da canção sua dimensão como parte do duplo vínculo que caracteriza o racismo brasileiro, em que a proximidade e rejeição se entrelaçam para constituir uma desumanização racializada que configura as relações sociais de modo mais amplo e, como demonstra este caso particular, reverbera nas relações afetivo-sexuais entre pessoas negras e brancas.

Discutindo o conceito de duplo vínculo junto à noção de memória afetiva da escravidão, Muniz Sodré (2018, 2023) afirma que o racismo brasileiro é, simultaneamente, aceitação e

rejeição. Em sua visão, a abolição da escravidão no país incidiu sobre a relação, mas não sobre o vínculo, persistindo uma *forma social escravista* que o autor define como uma reinterpretação social e afetiva da saudade do escravo por meio das relações com empregados negros, da sujeição da cultura negra como folclore e como objeto de ciência e das representações midiáticas racistas. Sodré enfatiza a natureza desrespeitosa dessa saudade, na medida em que as pessoas brancas desejam uma proximidade destituída do reconhecimento das pessoas negras como humanas. Nesse sentido, o autor formula a noção do racismo de duplo vínculo da seguinte maneira: “Eu amo/gosto/aceito o sujeito da pele escura, mas ao mesmo tempo amo/gosto/aceito que permaneça afastado” (Sodré, 2018, p. 15), destacando se tratar de uma lógica de lugar e não de sentido; em uma forma de apreensão do escravismo que não diz respeito a concepções intelectuais, mas à sua incorporação emocional e afetiva.

No campo das relações afetivo-sexuais, essa lógica escravista não impediu as interações afetivas e sexuais entre pessoas brancas e negras (especialmente, entre homens brancos e mulheres negras), mas designou posições distintas para matrimônio, afeto e sexo segundo critérios raciais. Como pontuou Lélia Gonzalez, o ditado “Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” (Gonzalez, 2018, p. 317) resume essa tradicional divisão escravista da exploração sexual e doméstica praticada no Brasil, instituindo hierarquias raciais para as relações afetivo-sexuais. Sodré (2023) destaca que a literatura ficcional e teórica brasileira produz uma romantização destas relações e da miscibilidade resultante, mencionando como exemplo crítico o poema “Sabina”, de Machado de Assis, que narra o encontro sexual entre uma mulher escravizada e seu senhor escravista. No poema, que cita ironicamente o *puro afeto* como a maior liberdade dos senhores para a mulher escravizada, após engravidá-la, o homem se casa com uma mulher branca. Segundo Sodré, o exemplo desmonta o paradigma romântico da mestiçagem, explicitando a manutenção das hierarquias racializadas e os limites sexuais deste encontro inter-racial.

Como explicitado por Pacheco (2013), a solidão da mulher negra não se dá meramente pela rejeição dessas sujeitas por parte de parceiros(as) potenciais, mas por um quadro contextual mais amplo de instabilidade e transitoriedade das relações. Nessa linha de pensamento, destaco que o fenômeno não se traduz simplesmente na rejeição das mulheres

negras como parceiras, mas por modos de relacionamento que as subalternizam, desrespeitam e desumanizam: por exemplo, pelo usufruto do relacionamento de maneira privada enquanto nega em espaço público, pelo benefício do apoio emocional de maneira unilateral enquanto nega a constituição de uma relação afetiva, e até mesmo pela recusa em renegociar os termos do próprio relacionamento aliada à manipulação emocional e sexual para manter o vínculo. Tais dinâmicas, já reconhecidas como parte da solidão das mulheres negras, também se reproduzem nos relacionamentos das bichas pretas — sujeitos que também sofrem opressão de gênero, ainda que a partir de uma posição distinta das mulheres negras, que, por sua vez, podem ocupar posições variadas entre si de acordo com sua sexualidade.

Rodrigues (2021) aponta que, no contexto das culturas cis-gays masculinas, a raça não é mobilizada simplesmente para excluir, mas oscila entre dois extremos: o eixo negrofóbico, composto por práticas de eliminação e exclusão dos negros, e o eixo negrófilo, que usa de práticas aparentemente inclusivas para reiterar hierarquias raciais. O autor destaca: “Importante notar, contudo, que pode haver, como frequentemente é o caso, justaposições dentro de um mesmo contexto e em relação a uma mesma pessoa, entre os eixos negrófilo e negrofóbico” (Rodrigues, 2021, n.p.). O modo específico como o racismo brasileiro emerge na canção *Última Vez* — e, mais amplamente, nos relacionamentos entre pessoas brancas e negras — é configurado precisamente por essa justaposição entre desejo e rejeição, essa dinâmica contraditória que institui pessoas negras como objetos de desejo, mas as confina na posição de prazer sexual, interditando sua ocupação das posições afetivas, matrimoniais e públicas.

Desse modo, argumento que os relacionamentos enquadrados no contexto de solidão das mulheres negras e das bichas pretas cristalizam este duplo vínculo no campo afetivo-sexual, instituindo dinâmicas compostas, simultaneamente, por desejo e rejeição, carinho e desrespeito, proximidade e distância — isto é, *atração (sexual e privada) e repulsa (emocional e pública)*. Cabe destacar que, ao serem entremeadas a seus opostos nessa dinâmica de duplo vínculo, as dimensões aparentemente positivas de desejo, carinho, proximidade e atração não apenas se tornam opacas e vazias, mas são instrumentalizadas a serviço da subjugação das mulheres negras e das bichas pretas, sendo, portanto, parte constitutiva do quadro mais amplo de violência.

O ranço da escravidão ainda persiste no Brasil de diversas maneiras. Destacando que a Abolição incidiu sobre a relação, e não sobre o vínculo, Sodré afirma: “Aboliu-se política e juridicamente o sistema de subordinação direta do corpo sequestrado, mas permanece a forma correspondente: a forma social escravista” (Sodré, 2023, p. 2904). Neste artigo, tratei, especificamente, da persistência da escravidão como forma de sociabilidade e de configuração das relações sociais, em que pessoas brancas se utilizam da hierarquia racial para instrumentalizar pessoas negras para seu próprio prazer, benefício e conveniência unilaterais, inclusive nas relações afetivo-sexuais, muitas vezes, romantizadas como automática e necessariamente pautadas pelo amor. Nessa forma particular de reencenação da escravidão, são mobilizados recursos emocionais, sexuais, promessas de vantagens sociais, dentre outros, com o objetivo de manter pessoas negras presas a relações marcadas pela assimetria, unilateralidade e abuso fundamentados pela opressão de raça e gênero.

## 6. Considerações finais

Este artigo evidenciou a importância de refletir sobre os modos como a cultura poético-musical negra brasileira não apenas reverbera, mas complementa e atualiza conceitos dos movimentos negros brasileiros — neste caso, a noção da solidão das mulheres negras. A pesquisa de Pacheco (2013) apresenta diversas contribuições valiosas, dentre elas, o apontamento de que a solidão não significa a inexistência de relacionamentos, mas sua instabilidade e transitoriedade, compondo um quadro contextual mais amplo em que a solidão é apresentada como uma escolha possível diante do racismo e sexismo que marcam suas vidas afetivo-sexuais. A pesquisa de Pereira (2020) compartilha desse entendimento e acrescenta, ainda, a solidão como um gesto de não conformismo e de insubordinação das mulheres negras diante de relacionamentos que não cumprem seus requisitos e expectativas. Lessa (2020), por sua vez, destaca a persistência da sensação de solidão mesmo quando as mulheres negras não estão sozinhas, configurando a forma como essas relações se dão. A partir dessa discussão, proponho pensar a solidão da mulher negra não apenas como o “estar-só”, mas como um modo

de “estar-junto” configurado pelo racismo, sexismo e elitismo de maneira a interditar a formação de vínculos estáveis, satisfatórios e recíprocos.

Na pesquisa anterior com as canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão sobre as relações afetivo-sexuais (Furtado, 2023a), demonstrei que a escolha pela solidão emerge como uma estratégia de autovalorização diante do desrespeito e desumanização operados pelo racismo e sexismo. As compositoras delineiam um cenário em que a naturalização do término e a busca por um novo amor não implicam sua banalização, mas sim a afirmação da reciprocidade e da felicidade como valores fundamentais — tão indispensáveis que justificam o fim e a busca por outras(os) parceiras(os) que os concretizem. Nesse sentido, as obras das compositoras antecipam questões que já circulavam entre os movimentos negros, mas somente mais tarde vieram a ser discutidas no âmbito acadêmico das ciências sociais e humanas, o que reitera o lugar da música negra brasileira como um espaço de reflexão teórica e construção intelectual juntamente aos movimentos negros do país.

Neste artigo, demonstrei que, por se tratar de um fenômeno situado no entrecruzamento das opressões de raça e gênero, esta solidão negra não impacta somente a vida afetivo-sexual das mulheres negras, mas também a das bichas pretas. Evidenciei que a solidão, para além de sua constituição como transitoriedade e instabilidade (Pacheco, 2013) e como gesto de não conformismo e insubordinação (Pereira, 2020), configura-se nos termos de um duplo vínculo profundamente enraizado na herança escravista brasileira, entrelaçando desejo e rejeição, proximidade e distância, ou, nos termos de Rodrigues (2021), negrofobia e negrofilia.

A partir da canção “Última Vez” e em diálogo com estas autoras e autores, lancei luz sobre o fenômeno da solidão negra no campo afetivo-sexual como uma contradição entre atração (sexual e privada) e repulsa (emocional e pública). Enfatizei, assim, que a opressão de gênero não opera somente no binômio homem-mulher, mas impacta também outras dissidências de gênero que escapam à heteronorma branca, reproduzindo entre casais inter-raciais homoafetivos determinadas assimetrias de gênero racializadas comumente associadas a casais inter-raciais heteroafetivos. Reiterei, ainda, a indissociabilidade das vias de poder de raça e gênero nas relações sociais, configurando as formas de violência, desrespeito e desumanização entremeadas às experiências afetivo-sexuais dos sujeitos

## Referências

- COLLINS, Patricia Hill. *Intersectionality as Critical Social Theory*. Durham: Duke University Press, 2019.
- CORRÊA, Laura Guimarães. *Mães cuidam, pais brincam: Normas, valores e papéis na publicidade de homenagem*. 2011. 254 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAFI-8U4JXZ>. Acesso em: 22 out. 2023.
- DAVIS, A. *Blues Legacies and Black Feminism: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith, and Billie Holiday*. New York: Pantheon Books, 1998.
- DOLORES Dala Guardiã do Alívio. [Compositor e intérprete]: Rico Dalasam. Porto Alegre: Noize Record Club, 2021. 1 CD (26 min 50 s). Disponível em: <https://bit.ly/3KIWgQS>. Acesso em: 16 ago. 2023.
- FURTADO, Lucianna. *Cantando e escutando amores: as obras intelectuais de Dona Ivone Lara e de Leci Brandão sobre relações afetivo-sexuais*. Orientadora: Laura Guimarães Corrêa. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023a. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/54430>.
- FURTADO, Lucianna. “*Se é amor tem que ter bem-querer*”: *Conselhos afetivos nas canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão sobre o amor*. Ação Midiática — Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura, n. 26, jul./dez. 2023b. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/am.v26i1.89938>.
- GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Coletânea organizada e editada pela União dos Coletivos Pan-Africanistas. São Paulo: Diáspora Africana, 2018.
- LESSA, Luciana Falcão. *O que o racismo fez com você? Processos de resistência e descolonização de mulheres integrantes da rede de mulheres negras da Bahia*. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32532>.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: EDUFBA, 2013.
- PEREIRA, Bruna Cristina Jaquetto. *Dengos e zangas das mulheres-moringa: vivências afetivo-sexuais de mulheres negras*. Pittsburgh, Estados Unidos: Latin America Research Commons, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25154/book6>.
- PEREIRA, Pedro Augusto; COELHO, Tamires Ferreira. *Escrita Coletiva, Subjetivação e Esperança em Narrativas Bichas no YouTube*. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação — Intercom, 2020, Salvador. Anais, SP: Intercom, 2020. Disponível: <https://bit.ly/3QBcyim>. Acesso em: 16 ago. 2023.
- REZENDE, Renata; COTTA, Diego. *Spartakus midiaticado: narrativas catárticas do cotidiano de bichas pretas*. Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 14, n. 44, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3QuyriZ>. Acesso em: 10 jul. 2023.

RODRIGUES, Cristiano. *Do you REALLY ♥ Cafuzú?* Medium, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3MdSmzX>. Acesso em: 22 out. 2023. Publicado anteriormente pelo Projeto Vulgar [2020].

SANTOS, Daniel dos. *Ogó: encruzilhadas de uma história das masculinidades e sexualidades negras na diáspora atlântica*. Universitas Humanas, Brasília, v. 11, n. 1, p. 7-20, jan./jun. 2014. DOI: 10.5102/univhum.v11i1.2923. Disponível em: <https://bit.ly/3MdOILQ>. Acesso em: 22 out. 2023.

SODRÉ, Muniz. Uma lógica perversa de lugar. *Revista Eco-Pós*, v. 21, n. 3, p. 9-16, 2018. DOI: 10.29146/eco-pos.v21i3.22524. Disponível em: <https://bit.ly/46E0d1P>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2023. E-book, 3400 posições.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3915>. Acesso em: 16 ago. 2023.

---

### **Lucianna Furtado** – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG), com bolsa do Programa Institucional de Pós-Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PIPD-Capes). Doutora e mestre em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pelo PPGCOM-UFMG. Integrante do Coragem - Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero. E-mail: [lucianna.furtado@gmail.com](mailto:lucianna.furtado@gmail.com)

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço aos colegas do GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), em 2023, pelas contribuições à nova versão do trabalho.